

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS – UFMG
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
BÁSICA

RUBIA CRISTINA TAVARES HOMEM

Usos dos espaços escolares por docentes da Escola Municipal de Educação Infantil
Planalto

Belo Horizonte

2019

RUBIA CRISTINA TAVARES HOMEM

Usos dos espaços escolares por docentes da Escola Municipal de Educação Infantil
Planalto

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção de título par Especialista em Educação Básica. Área de concentração: Múltiplas Linguagens em Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Aretuza Ambrizi Gebara

Belo Horizonte

2019

H765u Homem, Rubia Cristina Tavares, 1984-
Usos dos espaços escolares por docentes da Escola Municipal de
Educação Infantil Planalto [manuscrito] / Rubia Cristina Tavares
Homem, - Belo Horizonte, 2019.
45 f., il.

Monografia - (Especialização) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Educação.
Orientadora: Tânia Aretuza Ambrizi Gebara

1. Educação de crianças. 2. Escolas - Organização e administração.
3. Instalações escolares. 4. Ambiente escolar.

I. Título. II. Gebara, Tânia Aretuza Ambrizi. III. Universidade
Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 371.2

Catlogação na Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

**Bibliotecário: Moema Brandao da Silva. CRB6 1581 (Atenção: É proibida a alteração no conteúdo,
na forma e na diagramação gráfica da ficha catalográfica†.)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
Curso de Especialização em Formação de Educadores para
Educação Básica

ATA DE DEFESA DO OCTINGENTÉSIMO SEXAGÉSIMO PRIMEIRO TRABALHO FINAL DO CURSO
DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA EDUCAÇÃO BÁSICA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO MÚLTIPLAS LINGUAGENS EM EDUCAÇÃO INFANTIL

Aos sete dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezenove, realizou-se, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, a apresentação do trabalho final de conclusão do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica – com o título “Usos dos espaços escolares por docentes da Escola Municipal de Educação Infantil Planalto”, do(a) aluno(a) **Rubia Cristina Tavares Homem**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Tânia Aretuza Gebara (orientador) e Aline Neves. Os trabalhos iniciaram-se às 8h, atendendo a uma escala de apresentações definida pelo(a) orientador(a). Após a apresentação oral do trabalho, a banca examinadora fez uma arguição ao aluno(a). A banca se reuniu, em seguida, sem a presença do(a) aluno(a) e do público, para fazer a avaliação final. Em conclusão, a banca examinadora considerou o trabalho aprovado, atribuindo-lhe a nota 98, conceito A. O resultado final do trabalho foi comunicado ao aluno(a), que deverá encaminhar à Secretaria do curso a versão final em meio digital para (laseb@fae.ufmg.br) e submeter o trabalho salvo em formato PDF/A de acordo com as orientações da Biblioteca universitária da UFMG, Repositório Institucional (www.repositorio.ufmg.br). Nada mais havendo a tratar, eu, Ana Maria de Castro Rocha, secretária do colegiado do curso, lavrei a presente ata que, depois de lida e aprovada, será por mim assinada e pelos demais membros presentes. Belo Horizonte 07 de dezembro de 2019.

Aluno(a) RUBIA CRISTINA TAVARES HOMEM
Rubia Cristina Tavares Homem

Registro na UFMG: 2018749840

Tânia Aretuza Gebara
Professor(a) Orientador(a)

Aline Neves
Professor(a) Convidado(a)/avaliador(a)

Ana Maria de Castro Rocha
Ana Maria de Castro Rocha
Secretária do Colegiado de Curso de Especialização
Em Formação de Educadores para Educação Básica

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me iluminou, guiando meus passos durante essa jornada.

A minha família, em especial ao meu esposo Paulo, pela paciência, pelo carinho e pelas palavras de conforto em meus momentos de cansaço, ao meu querido filho Augusto que aguentou firme as ausências da mamãe aos sábados e aos meus pais Marcia e Rubens.

A minha orientadora Tânia Aretuza Ambrizi Gebara, pelo apoio, paciência, ensinamentos e contribuições, sem os quais não seria possível concluir esta investigação.

A toda equipe da Escola Municipal de Educação Infantil Planalto, pelo estímulo, motivação e aprendizado durante todo processo de construção do trabalho.

O espaço não é algo que emoldure, não é simplesmente físico, mas atravessa as relações, ou melhor, é parte delas. E é sobre relações que se fala quando o assunto é educação. O professor é um mediador de diferentes relações: entre as crianças e o saber, entre as crianças e o mundo que as cerca, entre elas mesmas, entre elas e o mundo imediato, etc. A noção de mediação não é simples. Não significa que o professor está “no meio de todas as relações”, ou que elas não ocorram sem ele, mas que ele intervém e organiza o ambiente para que as relações e as aprendizagens possam ser otimizadas. (...) Assim, o espaço não é algo dado, mas deve ser construído como uma dimensão do trabalho pedagógico. (CRAIDY¹, 2004).

¹¹ CRAIDY, Carmem Maria. Retirado do prefácio do livro “Sabores, cores, sons, aromas: a organização dos espaços na Educação Infantil”, HORN, 2004.

RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar o uso do espaço escolar por professoras que lecionam para crianças de 5 e 6 anos do último ano do segundo ciclo da Educação Infantil da EMEI Planalto. Além disso, busquei fazer um mapeamento do uso dos espaços (externos e internos) pelas docentes que atuam nas três turmas do último ano do segundo ciclo da Escola Municipal de Educação Infantil Planalto para enfim compreender as potencialidades, limites e estratégias de uso dos espaços na perspectiva docente. Para a realização do presente estudo adotei a pesquisa qualitativa tendo no percurso metodológico, a pesquisa bibliográfica, observação participante, conversas informais e o uso da fotografia como instrumento de coleta de dados. O plano de ação teve como meta identificar dos espaços que poderiam ser mais utilizados pelas professoras com as crianças de 5 e 6 anos na Educação Infantil. Os referenciais teóricos utilizado para contemplar o conceito Espaço Escolar foram FORNEIRO (1998), HADDAD (2011) e ZAMBERLAN (2007); para concepções de Infância VIGOSTSKY (1984), DAVI, SILVA e ESPOSITO (1989), e para Educação Infantil BARROS (2009) e os Documentos Oficiais tais; Referencial Curricular Para a Educação Infantil e Lei de Diretrizes e Bases para a Educação Nacional. As análises realizadas no presente trabalho apontam para a compreensão de que a criança que atua em um ambiente construído por ela mesma, vivencia experiências e emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, agir e viver. Contata-se com este estudo que com o trabalho coletivo é possível imprimir um novo olhar a nossa realidade tendo a criança como protagonista.

Palavras-chave: Espaço Escolar. Infância. Educação Infantil.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Escola Municipal de Educação Infantil - Planalto	19
Figura 2 - Espaço Externo Parquinho Arena	26
Figura 3 - Parque II	26
Figura 4 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Conversa	27
Figura 5 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Brincadeira	28
Figura 6 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Leitura	28
Figura 7 - Arena.....	30
Figura 8 - Crianças Explorando os Lençóis	32
Figura 9 - Pintando as Tendas.....	32
Figura 10 - Lençóis Secando ao Sol	33
Figura 11 - Entrega dos Panos Para Acabamento	34
Figura 12 - Recebendo os Panos.....	35
Figura 13 - Crianças Abrindo o Tecido.....	34
Figura 14 - Apresentações na Arena “Show de Talentos”	35
Figura 15 - Apresentação do Teatro “A Chapeuzinho Vermelho”	36
Figura 16 - Brincadeira O Mestre Mandou.....	37
Figura 17 - Arena	36
Figura 18 - Crianças Descendo no Barranco	38
Figura 19 - Crianças Pintando o Papelão	39
Figura 20 - Primeiras Decidas com o Papelão.....	41
Figura 21 - Novas Manobras	40

SUMÁRIO

1 SOBRE A AUTORA: trajetória e aproximação com o tema da investigação	9
2 INICIANDO O DIÁLOGO: tecendo reflexões sobre a relevância do tema proposto	11
3 OBJETIVO GERAL	14
3.1 Objetivos Específicos	14
4 PERCURSOS METODOLÓGICOS	14
4.1 Sujeitos da Pesquisa	16
4.1.1 Clínica	17
4.1.2 Carmen	17
4.1.3 Juliana Rosa	18
4.2 Caracterização do Espaço Estudado	19
4.3 Plano de Ação	21
5. REFERENCIAL TEÓRICO	21
6. ANÁLISE DOS DADOS	25
6.1 Espaços disponíveis: desafios para otimizar o uso	25
6.2 O processo de intervenção: arena como espaço de brincadeira	31
7. CONSIDERAÇÕES INDICATIVAS	41
REFERÊNCIAS	42

1 SOBRE A AUTORA: trajetória e aproximação com o tema da investigação

Nasci na cidade de Belo Horizonte-BH, Minas Gerais na madrugada de 03 de junho de 1984. Sou a segunda filha de uma família de quatro irmãos. Cresci no bairro Santa Cruz em Belo Horizonte num pequeno barracão nos fundos da casa da minha avó paterna. Mas as principais lembranças são da casa dos meus avós maternos.

Passei minha primeira infância toda ali, feliz, subindo em árvores, brincamos de faz de conta, esconde-esconde, correndo atrás das galinhas e porcos que minha avó sempre teve em seu lote, ou seja, explorando e aproveitando cada espaço. A casa da “Vó” era para os netos se divertirem no quintal! Lembro-me com carinho dessa época.

Iniciei meu período escolar ainda muito cedo, como minha mãe trabalhava o dia todo eu e minha irmã passamos a frequentar uma escolinha do bairro. Lá fizemos alguns colegas e nos divertimos bem.

As lembranças dão um salto da educação infantil para o ensino fundamental. Era bom! Como a escola era perto do comércio do meu pai, eu e minha irmã, mesmo pequenas, podíamos ir sozinhas, o trajeto era realizado em 5 minutos, mas para nós parecia que não ia chegar nunca.

Decidi me tornar professora ainda no ensino fundamental em uma das aulas de Geografia, enquanto minha professora mostrava as fotos dos referidos países que estávamos estudando, eu ficava maravilhada com as paisagens e as pessoas retratadas nas imagens.

Então, ao terminar o ensino médio, ingressei no curso de geografia, e ao me formar fui trabalhar em escolas da rede estadual do município de Belo Horizonte, logo percebi que alguns alunos do fundamental não sabiam ou tinham dificuldade com a leitura e escrita. Rapidamente percebi que precisava de um curso que me auxiliasse com alfabetização dos alunos.

Sendo assim, no ano de 2010 ingressei na Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG no curso de Pedagogia. Para ter certeza que era esse o curso que eu seria realizada iniciei com os estágios em escolas particulares do município de Belo Horizonte. Hoje já são nove anos de carreira; deste quatro estou como efetiva no

município. No decorrer do curso pude perceber que a educação vai além da sala de aula, toda sociedade é responsável pela educação das nossas crianças. Assim, como afirma a LEI Nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 no artigo 1º “A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.”

A primeira oportunidade, em um ambiente de Educação Infantil, surgiu logo segundo semestre da graduação, quando fui estagiar em uma escola da rede privada da região centro-sul de Belo Horizonte. Foi uma experiência interessante, pois se tratava de uma escola que priorizava a exploração dos espaços/ambientes que existiam na escola. A cada hora do período em que a criança permanecia na instituição, os alunos se dirigiam para ambientes diferentes. Esse fato me chamou muita atenção, pois a rotina das crianças era desenvolvida com auxílio dos mesmos. Todos os dias, no início da aula, havia roda de conversa com um grupo com idades que variavam de 3 a 12 anos e ali elas escolhiam em qual ambiente iniciariam as atividades do dia. Lembro-me que logo no primeiro contato com as crianças tive certeza que faria isso pelo resto da minha vida.

Durante o curso tive a oportunidade de participar de diversas atividades na universidade como: Núcleo de estudos de Educação de Jovens e Adultos - NEPEJA, mas o que me encantou de verdade, foi o trabalho com as crianças.

Por meio das minhas experiências posso dizer que não há nada mais belo na educação infantil do que ver crianças interagindo, brincando, correndo, explorando, investigando, indagando, aprendendo e desenvolvendo com seus pares nos espaços da instituição infantil.

Na segunda instituição em que estive, como estagiária, em pouco tempo me colocaram como professora. Eu, imatura e com pouca experiência, seguia o que as coordenadoras orientavam. Nesse momento, trabalhava em uma escola da Região da Pampulha que atendia crianças de classe média alta com crianças de idades entre 6 meses a 12, no período parcial e integral. Lembro-me que crianças de 1 ano realizavam atividades em apostilas, as de 2 anos além das apostilas tinham cadernos de para casa e as de 3 a 6 anos realizavam tantas atividades xerografadas

que por muitas vezes o tempo do brincar ficava em segundo plano. Destaco aqui, uma experiência com uma turma de 4 anos, onde por um ano e meio fui professora, e durante esse período por diversas vezes escutei algumas crianças reclamando de dores de cabeça e pedindo para irem ao parquinho, mas nesta escola a cobrança por trabalhos e atividades eram constantes, e a própria coordenação pedagógica nos orientava a não frequentar o parquinho no momento do recreio para que fosse possível cumprir com as atividades do roteiro estabelecido pela gestão escolar.

Após passar por essas escolas percebi que para a criança aprender ela precisa explorar, indagar e dialogar, notei que atividades em excesso cansa e desestimula a aprendizagem na infância.

Ao trabalhar na EMEI e ao observar as crianças pude perceber que elas são felizes e aprendem efetivamente brincando e interagindo com o espaço. Principalmente as crianças do primeiro ciclo da educação infantil que exploram os espaços da EMEI com mais frequência. Noto que a medida que as crianças passam de um ciclo para o outro, suas rotinas de exploração dos espaços da EMEI diminui. Este é o desafio, e o foco do presente trabalho, pois a partir da minha trajetória tenho buscado refletir sobre a importância de uma prática pedagógica atenta aos usos e interações que nós professores fazemos dos espaços escolares.

Buscou-se com esta investigação problematizar os usos e interações que docentes da Escola Municipal de Educação Infantil Planalto, da qual faço parte, constroem no percurso de suas práticas e, a partir destas análises, dar visibilidade ao tema no universo da educação de crianças pequenas.

2 INICIANDO O DIÁLOGO: tecendo reflexões sobre a relevância do tema proposto

Com a ampliação do ensino fundamental de 9 anos, com a promulgação da Lei Federal nº 11.274 (Brasil, 2006), as crianças passam a ser inseridas com 6 anos nas escolas do Ensino Fundamental. A partir dessa mudança, nota-se algumas alterações nas práticas pedagógicas em turmas de crianças que se encontram no último ano do segundo ciclo da educação infantil.

Os pais/mães, professoras e alunos/alunas começam a se preocupar com a “transição” término da educação infantil para o ingresso no Ensino Fundamental.

Algumas docentes afirmam: “Eu fico preocupada!” Eu me sinto responsável por essas crianças. Elas precisam sair daqui “prontas” para o ensino fundamental”. “Eu até gostaria de explorar mais os espaços da EMEI, mas o tempo, rotina, não nos permite.” (Diário de Campo, 15/08/2019).

Atividades corporais importantes são reduzidas para as crianças de 5 e 6 e essas permanecem mais tempo dentro da sala de aula. Tais condutas, também têm sido alvo de inúmeros debates e de estudiosos/as e gestores/as de políticas públicas para a infância.

É importante ressaltar que a educação infantil de qualidade é aquela capaz de satisfazer necessidades básicas das crianças, em especial o aprender e o desenvolver-se. Este trabalho defende que os espaços devem ser também explorados com mais frequência por criança de 5 a 6 anos, para que, por meio deles possam aprender e desenvolver-se em todas as suas dimensões humanas. Segundo o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (BRASIL, 1998, vol.1, p.69):

O espaço na instituição de educação infantil deve propiciar condições para que as crianças possam usufruí-lo em benefício do seu desenvolvimento e aprendizagem. Para tanto, é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. Deve ser pensado e rearranjado, considerando as diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como os diferentes projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos.

Cabe a professora produzir propostas de utilização de tais espaços, e a oferta de atividades que propiciem aprendizagens significativas, permeadas pelo lúdico e que respeitem todas as crianças que frequentam a educação infantil.

A organização do espaço é uma das dimensões fundamentais para o desenvolvimento integral da criança. Um espaço adequadamente organizado ajuda no desenvolvimento das potencialidades das crianças à medida que contribui para o desenvolvimento de novas habilidades, sejam elas motoras, cognitivas ou afetivas.

O espaço deve ser organizado com vistas ao desenvolvimento e à aprendizagem, permitindo a sua exploração e manipulação por parte das crianças. Que ao explorá-lo o reconstrói e vai adquirindo habilidades para utilizar adequadamente os sistemas simbólicos culturais.

Quando faço uma reflexão sobre minha caminhada na educação infantil, percebo que desde do início da carreira, leciono para crianças de 2 a 4 anos de idade. O meu desinteresse por lecionar com crianças com idades entre 5 e 6 anos, iniciou quando percebi que, quando as crianças se encontram no último ano do segundo ciclo da Educação Infantil, pais/mães e professores/as se preocupam com a “preparação” das crianças para o ensino fundamental. Segundo Barros, (2009) o brincar é um dos objetivos mais relevantes das escolas infantis.

O brincar, atividade essencial para o desenvolvimento infantil, não pode ser visto somente como fins didáticos para a alfabetização. Tem que ser percebido como uma atividade essencial e potencializadora do desenvolvimento, e que proporciona à criança durante seu processo a capacidade de ler o mundo adulto, opinando e criticando (BARROS, 2009, p.38).

E quando as crianças iniciam o último ano da EI sua rotina é alterada, ou seja, crianças que ainda precisam do espaço para o seu desenvolvimento, passam a permanecer mais tempo na sala de aula, ficam mais tempo sentadas e a exploração dos espaços perdem prioridade para as atividades impressas.

Após essas reflexões surgem algumas perguntas: 1ª Por que as professoras que lecionam para as crianças de 5 e 6 anos, que estão no último ano do segundo ciclo da educação infantil desenvolvem a rotina das crianças principalmente na sala de aula? 2ª Há outras formas de organização do trabalho pedagógico que articule o uso dos espaços escolares ao mesmo tempo às demandas de aprendizagem de alfabetização na perspectiva do letramento e também seja focalizada nos campos de experiência, na ludicidade, no respeito às especificidades da infância? 3ª O uso excessivo do espaço da sala de aula pode trazer quais consequências para os processos de aprendizagem das crianças pequenas?

A diminuição da exploração dos espaços escolares/ambientes na educação infantil, tem sido constantemente problematizada e sabe-se que tal situação compromete o curso do desenvolvimento infantil. Cabe destacar que, nos diferentes espaços

escolares (parque, biblioteca, refeitório, arena entre outros) as crianças estabelecem relação entre os conhecimentos adquiridos nos contextos sociais que vivenciam com o que está sendo trabalhado em sala de aula, ou seja, são nos diferentes espaços que as crianças demonstram através de gestos, imitações, falas, brincadeiras o que aprenderam na sala de aula ou mesmo, o que aprendem fora dela.

Poucos são os estudos brasileiros que dão visibilidade à relevância de se organizar os espaços escolares de modo que as crianças possam explorá-lo, manipulá-lo e nele interagir, desenvolvendo, assim, sua criatividade, bem como construindo as bases das suas estruturas sensoriais, motoras e cognitivas para essa faixa etária. Desta forma, a presente investigação, é relevante, pois procura contribuir com este tema trazendo as potencialidades, limites e estratégias que as professoras da EMEI Planalto vem construindo no exercício de suas práticas.

3 OBJETIVO GERAL

Analisar o uso do espaço escolar por professoras que lecionam para crianças de 5 e 6 anos do último ano do segundo ciclo da educação infantil da EMEI Planalto.

3.1 Objetivos Específicos

Fazer um mapeamento do uso dos espaços (externos e internos) pelas professoras que atuam nas três turmas do último ano do segundo ciclo da EMEI Planalto.

Compreender as potencialidades, limites e estratégias de uso dos espaços na perspectiva professoras.

4 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A escolha do projeto de pesquisa não foi fácil, logo que iniciei o Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais de Especialista em Aprendizagem na Educação Básica (LASEB) em setembro de 2018, eu tinha a convicção que o tema de estudo seria voltado para o estudo do Espaço Escolar.

Ao iniciar a escrita do pré-projeto e pensar na exploração dos espaços escolares, percebi que não poderia focar somente nas crianças, era necessário refletir com as professoras da EMEI-Planalto, uma vez que a rotina das crianças é estabelecida pelos adultos. Sobre a rotina é importante destacar que essa nem sempre contempla as necessidades dos/as nossos/as pequenos/as.

No começo me perdi um pouco. Posso dizer que foram seis meses para me encontrar. Somente no início do mês de maio, ao conversar com a minha orientadora, consegui definir o tema de pesquisa. Foram idas e vindas até que o recorte fosse estabelecido, bem como a formulação de uma questão central.

Definido o tema de pesquisa optei neste trabalho por adotar uma postura metodológica de caráter Qualitativo. Uma vez que estudar o espaço e o uso que os adultos fazem dele, está situado em um contexto social, nas representações que esses adultos fazem desses espaços. Segundo Minayo (1994)

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos às operacionalizações de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Ao longo do trabalho foi necessário buscar literaturas sobre o Espaço Escolar de Instituições Infantis, utilizei primeiramente as bibliografias que ditam o tema no âmbito nacional, posteriormente referências do município e por último os autores. Flick (2009, p. 62), destaca que “é importante que o/a pesquisador se familiarize com a literatura disponível em sua área de pesquisa.”

Utilizei também como instrumento de coleta dos dados, a observação participante, pois sou professora da Instituição e passei a observar e participar com mais frequência da rotina escolar de professoras e alunos/as dos anos finais da educação infantil. Segundo Flick (2009, p. 208).

A observação participante deve ser entendida sob dois aspectos como um processo. Em primeiro lugar, o pesquisador deve cada vez mais, tornar-se um participante e obter acesso ao campo e as pessoas. Em segundo lugar, a observação deve passar também por um processo para tornar-se cada vez mais concreta e concentrada nos aspectos essenciais as questões da pesquisa.

Outro instrumento que me auxiliou na pesquisa foi o uso da câmera fotográfica para registrar a relação que as crianças estabelecem com os espaços, a partir das atividades propostas pelas docentes.

As Fotografias como instrumentos e objetos de pesquisa permite ao pesquisador participante, ilustrar interpretar e analisar posteriormente os eventos registrados. As fotografias permanecem disponíveis para outras pessoas podendo ser reanalisadas.” (FLICK, 2009, p. 220).

No decorrer da pesquisa foram realizadas “conversas informais” nomeado por Flick (2009) por análise de conversação. Segundo o autor essa abordagem centra na análise formal de situações cotidianas. Flick (2009) diz que nesse tipo de abordagem a interação deve prosseguir de uma forma ordenada e nada deve ser considerado aleatório.

A partir das conversas informais pude identificar como as professoras traçam as estratégias de utilização dos espaços da EMEI-planalto, uma vez que as turmas de 5 anos estão com o número máximo de crianças e ainda possuem uma rotina pré-estabelecida pela Instituição. Esse método contribuiu bastante com a pesquisa, pois como leciono na mesma escola e no mesmo turno da pesquisa, nem sempre era possível pesquisador/a e pesquisado, se encontrarem deste modo, as conversas foram realizadas nos diversos espaços da instituição (biblioteca, corredor, sala dos professores, *hall* de entrada e parquinho). Destaco ainda que com o método das conversas informais as professoras se sentiram mais à vontade e não tinham um sentimento de estarem sendo avaliadas.

Sendo assim o trabalho adotou a pesquisa qualitativa tendo no percurso metodológico a pesquisa bibliográfica, observação participante, conversas informais e o uso da fotografia como instrumento de coleta de dados.

4.1 Sujeitos da Pesquisa

Para realização da pesquisa convidei três professoras que atuam nos anos finais da Educação Infantil da EMEI Planalto, as professoras representam duas das cinco turmas existentes na instituição. No total participaram três professoras e quarenta e quatro crianças com idades entre 5 e 6 anos, a Turma do trenzinho e a turma da Peteca foram escolhidas, pois o horário das atividades externas coincidem com o período que não estou com meus/minhas alunos/as, o que facilitou as observações das atividades e os encontros com as professoras das referidas turmas. Os nomes

inseridos na pesquisa são das professoras que realizaram as atividades com as crianças.

4.1.1 Clinéia

Clinéia tem 40 anos, brasileira natural de Imperatriz do Maranhão, Maranhão MA. Desde os 15 anos mora na cidade de Belo Horizonte. Formada pelo Universidade do Estado de Minas Gerais UEMG, em Pedagogia, atualmente participa do Curso de Especialização em Múltiplas Linguagem em Educação Infantil. Leciona na rede municipal de Belo Horizonte há 14 anos, e desses três vem atuando como professora referência I no segundo ciclo na EMEI – Planalto.

Trata-se de uma professora que se revela centrada e preocupada com o bem estar de seus/suas alunos/as. Ela se destaca por trabalhar com seus/suas alunos/as com as cantigas de roda. Nos ambientes da escola sempre é possível observar a professora com seu violão que a acompanha há 5 anos. O uso do instrumento confere a professora um lugar de destaque no grupo e uma empatia com as crianças.

4.1.2 Carmen

Carmen tem 55 anos, brasileira, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. Formada na UEMG no ano de 2008. A professora trabalhar na rede municipal de Belo Horizonte no segundo Ciclo do ensino fundamental há 11 anos. E na educação infantil há 14 anos. Carmem é professora referência II, ou seja, fica responsável por trabalhar com psicomotricidade com as crianças da turma do trenzinho.

Carmen, como é professora referência II da Turma do trenzinho ficou responsável por desenvolver atividades relacionadas a jogos e brincadeiras na instituição. A professora, se destaca por desenvolver a maior parte de suas atividades fora da sala de aula. Para realizar suas atividades a professora utiliza papelão, pregadores, bolas cones, giz, papel, tinta dentre outros matérias. A professora desenvolve muitas

atividades em pequenos grupos o que contribui para o desenvolvendo de atitudes de organização, cooperação e respeito entre as crianças.

4.1.3 Juliana Rosa

Juliana tem 38 anos, brasileira, natural de Belo Horizonte, Minas Gerais. A professora possui formação em magistério e atualmente está cursando pedagogia. Há 10 anos trabalha com a educação infantil e há 4 anos leciona na prefeitura de Belo Horizonte na EMEI Planalto. A referida professora assumiu a turma da peteca no segundo semestre de 2019. Segundo ela no início foi complicado pois, apesar de ter dez anos de experiência com EI, a maior parte foi lecionando para crianças de 0 a 3 anos.

TABELA DO PERFIL DOS SUJEITO DE PESQUISA

Nome	Idade	Estado civil	Formação	Pós Graduação	Tempo de trabalho na educação Infantil	Tempo na EMEI Planalto
Clinéia	40	Casada	Pedagogia	Não	14 anos	3 anos
Carmen	55	Casada	Pedagogia	Sim	11 anos	4 anos
Juliana	38	Casada	Magistério	Não	10 anos	4 anos

O grupo de trabalho é composto por mulheres com mais de 35 anos, casadas e com experiência de mais de 10 anos na educação Infantil. Das 3 professoras que participaram do processo 2 possuem graduação em Pedagogia e 1 possui formação em Magistério e está no último ano do curso de Pedagogia.

Figura 1- Escola Municipal de Educação Infantil - Planalto



Fonte: Disponível em <<https://semchoro.com.br/escolas/umei-planalto/>> Acesso: 17 de março de 2019.

4.2 Caracterização do Espaço Estudado

A Escola Municipal de Educação Infantil Planalto, está localizada na rua Luiz de Mello Mattos, nº 215, Bairro Planalto, é uma das unidades da Regional Norte do município. A mesma teve sua obra iniciada em agosto de 2013 e sua inauguração no dia oito de novembro de 2014. O nome do bairro definiu a identidade da EMEI Planalto. O Bairro Planalto é predominantemente de moradores de classe média e média alta, possui linha de ônibus, coleta de lixo, água tratada e rede de esgoto.

A EMEI Planalto possui capacidade total de atendimento para 440 crianças, em horário integral e parcial (manhã e tarde). Tem área construída de 1.100 metros quadrados e dois pavimentos. No primeiro pavimento, cozinha, refeitório, dispensa, dispensa fria, instalações sanitárias, instalações sanitárias adaptadas por nível de idade e turma, sala multiuso (atualmente está sendo usada como sala de aula para crianças de 2 anos do parcial), coordenação /direção, pátio, solário, 2 salas de aula para 1 e 2 anos, biblioteca, fraldário, berçário (atualmente atende a crianças de 1 ano parcial), sala de atividade, sala de coordenação, sala para secretaria, depósito e elevador, gramado e jardins. Já no segundo pavimento, 8 salas, uma sala que atende crianças de 2/3 anos integral, uma de 2/3 anos

parcial, uma de 3/4 anos, duas de 4/5 anos e três salas de 5/6 anos, sala de professores e duas instalações sanitárias adaptadas.

Rotina Escola da EMEI Planalto Turma da Peteca

Entrada	Higienização	Lanche	Atividade externa	Atividade Sala de Aula	Atividade Externas	Sala de aula	Jantar	Parquinho	Saída
13	13:40	13:45	14	14:15	15	15:30	16	16:15	16:30
às	às	às	às	às	às	às	às	às	às
13:40	13:45	14	14:15	15	15h:30	16	16:15	16:30	16:50

No quadro é possível perceber que o tempo disponível para as atividades das crianças nos espaços externos são estabelecidos, porém limitados. Nota-se que a organização do horário para o lanche, parquinho e jantar de 10 a 15min e esses horários precisam ser seguidos com pontualidade, uma vez que a instituição possui um grande número de crianças pequenas e essas precisam se organizar para não causar tumulto nos ambientes de uso coletivo. Nos horários de atividades externas as professoras se revezam em diferentes ambientes da instituição em atividades como: de roda, velotrol, bola, circuitos, contação de histórias dentre outros e em espaços da EMEI que não estão tomados pelo Sol forte. As vezes observamos mais de uma turma no mesmo ambiente. Assim as crianças com idades de 2 a 6 anos experimentam, brincam e interagem entre si no mesmo ambiente.

Podemos entender espaço, numa perspectiva definida em diferentes dimensões a física, a funcional, a temporal e a relacional, legitimando-o como um elemento curricular. Nessa ótica, ele possibilita oportunidades para aprendizagem, por meio das interações possíveis entre crianças e objetos entre si. Assim sendo, a disposição do ambiente tanto interno como externo das escolas, as configurações nelas delineadas são reveladoras de um projeto de trabalho que deve favorecer as aprendizagens, mas também outras dimensões do desenvolvimento humano dentre elas a cultura de pares. (HADDAD; HORN, 2011, p. 48).

4.3 Plano de Ação

O plano de ação contemplou várias etapas. Iniciamos conversando informalmente com as professoras para verificar os espaços que poderiam ser mais utilizados pelas crianças de 5 e 6 anos que estão na fase transição da educação infantil para o Ensino Fundamental.

Após esses diálogos com as professoras foi possível estruturar as etapas subsequentes que foram:

- Sondagens de sugestão de atividades propostas pelas professoras que poderiam ser realizadas com as crianças.
- Sistematização das informações.
- Elaboração de uma proposta de utilização.
- Construção de uma devolutiva que, após o amadurecimento dos desafios existentes, acordamos que seria uma intervenção na arena.
- Apresentação e apreciação do material produzido pelas crianças.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

Primeiramente irei abordar o conceito de interação que está diretamente ligado aos estudos de Vygotsky (1984) para este autor, o homem é um ser essencialmente social, ou seja, é na relação com o próximo, por intermédio da linguagem, que o homem se constitui e se desenvolve enquanto sujeito. Uma vez que, acredito que a relação criança/criança, criança/adulto, criança/ambiente favorece o desenvolvimento infantil.

Vygotsky (1984), argumenta que o ser humano diferentemente do animal, não se limita apenas a sua experiência pessoal. Ao contrário a experiência pessoal aumenta devido a apropriação da experiência social que é veiculada através da linguagem. Segundo Davis, Silva, Espósito (1989, p.50)

“A possibilidade do ser humano se constituir enquanto sujeito, e de se apropriar das conquistas anteriores está de um lado ligada ao desenvolvimento do sistema nervoso e, de outro, a qualidade das trocas que se dão entre os homens, ou seja, a qualidade do processo educativo a que se faz parte.”

Nesta perspectiva é possível dizer que a apropriação do conhecimento se dá a partir das relações interpessoais que prevalecem na sociedade em que a criança pertence. Segundo Davis, Silva, Espósito (1989, p. 50).

É possível considerar que a apropriação do conhecimento se dá na forma ampla, e no processo educativo, e de forma mais restrita, no e pelo ensino, por parte de adultos ou companheiros mais experientes, das conquistas das gerações precedentes. Desta maneira o desenvolvimento cognitivo depende tanto do conteúdo a ser apropriado como das relações que se estabelecem ao longo do processo de educação e de ensino.

Ainda segundo Davis, Silva, Espósito (1989, p. 52).

“As trocas entre parceiros adulto/criança e criança/criança são não só valorizadas como incentivadas na medida em que resultam a experiência humana, em conhecimento do outro e em conhecimento construído com os outros”.

Diante dessas discursões não podemos deixar de ressaltar o papel importante do espaço escolar como elemento fundamental para manifestações de interação das crianças no espaço da educação infantil. Salas de aula, parquinhos, bibliotecas, corredores entre outros espaços nota-se que crianças exploram, interagem e aprendem com os pares.

E para que as crianças possam usufruir do espaço (ZAMBERLAN, BASANI, ARALDI, 2007, p. 246).

O espaço necessita ser um aliado na educação e, como tal, deve estar presente no planejamento da instituição, onde será capaz de promover aprendizagem, melhores interações e melhoria na qualidade de vida das pessoas ali situadas.

Tal ideia define o espaço como algo físico, ligado aos objetos que são elementos que ocupam o espaço. Mas o professor (Battini,1982, p.24) citado por (Forneiro et al. (1998, p. 231) Aponta que é necessário entender o espaço como um espaço de vida, no qual a vida acontece e se desenvolve: é um conjunto completo. (FORNAIRO et al. 1998, p. 231).

O espaço da educação infantil é onde a vida das crianças acontece. Ali, elas podem criar e recriar a realidade, pois é um espaço criado e pensado para elas.

De acordo com Forneiro (1998) o espaço escolar deve atender aos critérios de organização, que se resumem em estruturação, delimitação, transformação, estética, pluralidade, autonomia, segurança, diversidade e polivalência, pois os diversos componentes relativos ao espaços é que irão definir o cenário das aprendizagens.

Noto que a criança mesmo tendo uma rotina estabelecida por adultos, criam estratégias para utilizar e interagir com os espaços da instituição. No momento que a professora elabora uma atividade em um dos espaços, seja ele, externo ou interno, a primeira coisa que elas fazem é experimentar o espaço, seja correndo, brincando, observando ou mesmo tocando os objetos existentes.

Destaco aqui Battini (1982, p.24) citado por Forneiro et al. (1998, p.231)

“para a criança o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra é escuridão, é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno é poder correr ou ter que ficar em pé ou ter que ficar quieto, é esse lugar onde ela pode ir para olhar, ler, pensar.

O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar, é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário é silencio, é tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...

O espaço então começa, quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono, desde quando, com a luz retornamos ao espaço.”

Para entender quais parâmetros foram utilizados para a construção das instituições infantis, busquei no âmbito nacional, o documento Parâmetros Básico de Infra estrutura para Instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2006.) Esse documento é

formado por uma equipe interdisciplinar (professores, arquitetos, engenheiros, profissionais da educação e saúde, administradores e representantes da comunidades) que buscam ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir um ambiente físico, adequado, destinado para a educação infantil.

O referido documento amplia os diferentes olhares sobre o espaço físico escolar e propõe a construção de um espaço físico exclusivo para a EI, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagens, e que facilite a interação da criança-criança, criança-adulto e deles com o meio ambiente. “O espaço físico lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável, e acessível para todos”. (BRASIL, 2006, p.10).

O documento citado destaca o espaço físico da educação infantil como um ambiente permissível as crianças. Assim, podem inventar suas brincadeiras explorando, descobrindo e redescobrando os ambientes disponíveis para o seu desenvolvimento.

[...] é preciso que o espaço seja versátil e permeável à sua ação, sujeito às modificações propostas pelas crianças e pelos professores em função das ações desenvolvidas. Deve ser pensado e rearranjado, considerando as diferentes necessidades de cada faixa etária, assim como os diferentes projetos e atividades que estão sendo desenvolvidos. (BRASIL, 1998, p. 69).

É possível dizer que ambientes versáteis favorecem diferentes tipos de aprendizagens e o/a docente tem um papel fundamental em tornar os ambientes mutáveis.

A organização do espaço físico, os materiais, brinquedos, instrumentos sonoros e os mobiliários não devem ser vistos como elementos passivos, mas como componentes ativos do processo educacional.

Nota-se que o espaço físico escolar não contribui apenas para a realização de atividades rotineiras da EI (atividades em sala de aula, hora do parque, alimentação dentre outros). O espaço físico por si só é uma forma silenciosa de educar. Como afirma Franco (apud BRASIL, 2006, p.6) se referindo ao espaço escolar, este não é apenas um “cenário” onde se desenvolve a educação, mas sim uma forma silenciosa de ensino. O espaço escolar pensado para a criança permite que elas

interagirem entre si e com os objetos o tempo todo o que favorece o seu desenvolvimento constante.

6. ANÁLISE DOS DADOS

Neste item apresentarei os espaços disponíveis na EMEI Planalto, minhas hipóteses iniciais sobre o uso que as professoras fazem dos locais existentes e ainda trago reflexões sobre o plano de ação desenvolvido que priorizou várias etapas, tais como: conversas iniciais com as professoras sobre o uso dos espaços; definição dos espaços onde ocorreria a intervenção realizada pelas crianças e equipe da EMEI Planalto e a descrição e análise das intervenções mediante do envolvimento do coletivo escolar.

Cabe destacar que, segundo Haddad e HORN (2011), o espaço é socialmente construído e fruto das interações realizadas na Educação Infantil, fazendo parte das ações pedagógicas que estão interligadas a outras dimensões da organização da escola, tais como: organização do tempo, relações entre os pares, experiências possíveis nos espaços disponíveis, planejamento, avaliação, entre outros.

6.1 Espaços disponíveis: desafios para otimizar o uso

Ao iniciar minha pesquisa percebi que precisaria acompanhar mais de perto a rotina das professoras que lecionam para o último ano da educação infantil. Então passei a ter conversas semanais com as 3 professoras das referidas turmas de 5 e 6 anos.

A primeira Hipótese que levantei foi a de que as professoras não exploravam com tanta frequência o espaço escolar (externo e interno) devido a cobrança dos pais e delas mesmas em preparar essas crianças para o ensino fundamental. E desta forma a rotina era mais dentro da sala de aula.

Entretanto, após um contato mais estreito com as docentes, foi possível perceber em conversas com cada uma das professoras do último ciclo, que outros fatores também exercem influência nas opções de uso dos espaços escolares pela equipe. Constatei que há um limite no número de saídas da sala de aula principalmente no período da tarde.

A EMEI Planalto é uma instituição privilegiada no que diz respeito ao espaço externo. Mas, o mesmo é tomado principalmente nas Estação da Primavera e Verão, pelo Sol forte o que impede que as crianças permaneçam ali por muito tempo.

Figura 2 - Espaço Externo Parquinho Arena



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Esse parquinho está localizado na entrada principal da EMEI –Planalto. É chamado carinhosamente pelas crianças pelo nome de “Parquinho do escorrega” uma vez que os morros existentes na lateral do terreno são utilizados pelos alunos como escorregador. Ao fundo da foto de nº 2 é possível observar uma parede branca que acolhe uma pequena arena. Local onde as crianças brincam de show de talentos.

Figura 3 - Parque II



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Através da figura 3 é possível notar que os espaço externo da instituição é grande mas, não podemos deixar de destacar que o Sol no período da tarde é intenso ocasionando pouco aproveitamento do espaço. Ainda é um desafio para a instituição pensar em alternativas para essa situação, ou seja, para essa demanda.

Conversando com a professora regente I, da turma do Trenzinho, ela relata que aproveita os poucos minutos logo após o lanche para utilizar o espaço do parquinho que fica próximo a cantina, ali ela realiza rodas de música, atividade de leitura e brincadeiras. Tudo planejado e organizado, já que esse local, a partir das 14h é reservado para as crianças menores de 2 e 3 anos.

Figura 4 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Conversa

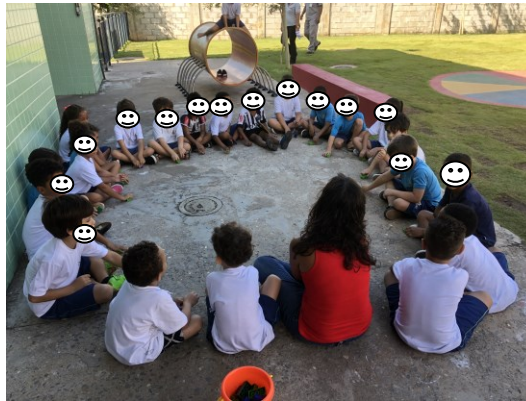


Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Nas rodas de conversas a professora faz um apanhado da rotina do dia. Conversam sobre as atividades que irão realizar ou que já realizaram e são tecidos os combinados da turma.

Figura 5 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Brincadeira

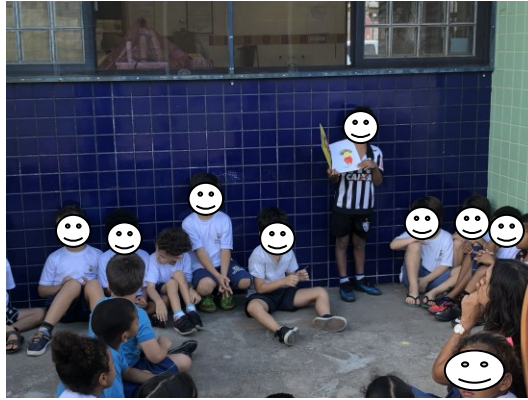


Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Nesta foto podemos observar que a professora junto com as crianças brincam de roda. Músicas escolhidas pelas próprias crianças, e às vezes, propostas pela professoras são utilizadas nesse momento. O espaço é pequeno, mas eles se organizam para brincar. Importante destacar que essas atividades também são realizadas na sala de aula. Mas, segundo a professora Clinéia, esse momento é esperado pelas crianças. Logo que terminam o lanche as crianças já a questionam sobre as brincadeiras no parque – local que percebemos ser para os pequenos o local preferido.

Figura 6 - Espaço Externo do Parquinho Roda de Leitura



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Momento da leitura as crianças escolhem um livro previamente na sala de aula para apresentá-lo para os/as colegas. Enquanto uma criança apresenta o livro os/as demais alunos/as escutam atentamente a história. É possível perceber nas expressões faciais que as crianças estão aprendendo, socializando experiências e interagindo ao mesmo tempo. Essa atividade é realizada com frequência com a turma e, segundo a professoras as crianças demonstram tranquilidade e atenção na aula no espaço externo apesar de haver outras turmas com crianças menores no parquinho durante a realização da atividade proposta.

A medida que as crianças vão crescendo se interessam mais por contar histórias, brincar de faz de conta, construir estruturas, elaborar representações gráficas, assim como discutir o planejamento do dia, jogar coletivamente e partilhar, com seus pares, momentos destinados às atividades que envolvem todo o grupo. (HADDAD; HORN, 2011, p.54).

Diante do exposto é possível perceber que as professoras que lecionam para a faixa etária de 5 a 6 anos da educação infantil incorporem em seu planejamento a utilização dos espaços que possibilitam os pequenos escolher, criar, espalhar produções, fazer de conta, trabalhar em grandes e pequenos grupos. E através das imagens e conversas com a professora da Turma do Trenzinho nota-se que a professora inseri em sua rotina a seus alunos atividades ao ar livre que é de grande importância para essa fase do desenvolvimento infantil.

A Arena é outro espaço externo elencado pela maioria das professoras como um desafio para a instituição, pois necessita ser melhor utilizado. Embora existam alguns fatores que impedem utilização diária, principalmente no período da tarde, pois os raios solares incidem com mais intensidade neste local. A Arena é um espaço onde as crianças apreciam fazer brincadeiras de faz de conta, teatro, dança e outras. Assim, esse espaço passou a ser realizado “Show de Talentos” mas, este momento ocorre de maneira rápida já que estamos expostos aos intemperes da natureza.

Figura 7 - Arena

Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Haddad & Horn (2011), afirmam que a organização dos espaços como componente do currículo não é recente. Desde o século XIX já existiam referenciais teóricos que primavam por uma ruptura com a escola centrada na figura do adulto, ou seja, carteiras alinhadas móveis fixos, armários chaveados pela professora etc. Dito de outra forma, a organização dos espaços revela uma concepção de educação, de criança e de infância.

Sabe-se que os espaços externos e internos de uma instituição pode potencializar as oportunidades da criança se expressar e experimentar diferentes possibilidades de forma individual e em grupos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca o currículo da EI organizado a partir dos Campos de Experiências, indagamos: em que medida a organização didática, pedagógica, planejada, intencional da organização do espaço amplia ou limita o acesso da criança em diferentes experiências.

O plano de ação proposto no presente estudo, buscou otimizar o uso dos espaços da EMEI Planalto, focalizando um intervenção na arena, local em que a escola realiza brincadeiras, apresentações teatrais, pinturas, jogos, banho de mangueira. Abaixo o leitor encontrará as reflexões desenvolvidas durante o plano de ação que foi a proposta de intervenção na arena.

6.2 O processo de intervenção: arena como espaço de brincadeira

Todas as professoras participantes do estudo explicitaram que gostariam de explorar mais a arena, porém precisávamos primeiro da autorização da representante da Inova-BH (empresa que através de uma licitação pública, venceu pelo menor preço e passou a construir e administrar as EMElS de Belo Horizonte, a empresa responsável pela manutenção das instalações elétricas e hidráulica, segurança, limpeza, sustentabilidade ambiental e compra de mobiliário). Por esse motivo, qualquer ação que possa vir danificar a estrutura do prédio ou que venha descaracterizar a fachada original da instituição, precisa de autorização da representante que trabalha na escola.

Ciente desta informação, no dia 16 de maio, conversei e expliquei nossa intenção de construir uma tenda para a arena. Desta forma ela abriu um chamado pedindo a autorização para instalação dos ganchos para prender a tenda. E enquanto aguardávamos a resposta da empresa, fui conversar com a diretora da escola que aprovou a ideia e somente questionou como seria feita a tenda. Expliquei que a tenda seria feita com lençóis doados pelas próprias professoras e a decoração ficaria por conta das crianças do último ano da E.I. Assim, professoras e alunos fariam parte da confecção da tenda.

Aguardamos aproximadamente 20 dias pela a resposta. No dia 04 de julho a responsável pela empresa nos deu a resposta positiva e contou que os ganchos já estavam instalados. Recebemos a notícia com muita alegria, porém, como o processo demorou um pouco, pois coincidiu com o período das festas juninas. Assim as atividades só poderiam voltar à normalidade após passar o período festivo e das férias de julho.

Retornamos das férias e seguimos com o projeto. A professora Juliana e eu ficamos responsáveis pela produção das tendas Quando levamos a ideia junto com os lençóis para a turma foi uma festa. Ao entregar o lençol eles logo entraram para debaixo do pano. Brincaram e exploraram o material. E já expressavam o que desejavam apresentar no show de talentos. Alguns diziam que ia ser a bailarina, Três Porquinhos, Chapeuzinho Vermelho e os Vingadores. Nesse momento

podemos perceber que as crianças trazem para a escola o que estão acostumadas a brincar em casa.

Figura 8 - Crianças Explorando os Lençóis



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Perguntamos como poderíamos deixar as nossas marcas na tenda, logo começaram a dar ideias. -“Vamos pintar!” , -“com pincel!”, -“não, com a mão!”, “-com o pé!”. Dessa forma, decidimos que cada um podia pintar como quisesse. E assim, nossas caixinha de tinta e descemos para a arena para pintar.

Figura 9 - Pintando as Tendas



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Ao iniciar a atividade deixamos as crianças decidirem como seria feita a pintura. Colocamos as tintas nas embalagens de isopor e logo elas colocaram os pés e iniciaram a pintura com os pés. A ansiedade era notável, todos queriam pintar ao mesmo tempo. As próprias crianças se organizavam, corriam, pulavam e ficavam maravilhados com cada marca no lençol.

Figura 10 - Lençóis Secando ao Sol



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Após a pintura colocamos os lençóis expostos ao Sol para secar. No dia seguinte, levamos os panos para uma auxiliar de apoio ao educando que também trabalha com costuras, para nos auxiliar com os trabalhos de acabamento (vide figura 9). As próprias crianças explicaram para ela o que precisava ser feito. Interessante perceber como as crianças se apropriaram desta atividade.

Figura 11 - Entrega dos Panos Para Acabamento



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 12 - Recebendo os Panos



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 13 - Crianças Abrindo o Tecido



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Após alguns dias a auxiliar Cláudia entregou para as crianças o tecido costurado. Rapidamente a crianças se levantam e abrem o pano, num gesto envolvendo curiosidade e ansiedade. Tecido recebido, passamos para a quarta etapa do projeto. Instalação da tenda na arena. Uma tarefa que exigiu o auxílio de muitas pessoas (docentes, crianças e auxiliares de sala). Hora de amarrar os tecidos, sumir no

barrando e esticar barbante. Iniciamos a colocação eu e a professora Juliana, mas logo as crianças notaram que precisávamos de ajuda, assim os pequenos subiram no barranco, segurando nas grades da escola, essa é uma manobra que em dias comuns de brincadeiras no parquinho seria inimaginável para as crianças realizarem. Mas, como precisamos de ajuda as mesmas subiram sem pedir permissão. Essa atitude das crianças demonstram autonomia e pró-atividade por parte das mesmas. Outras professoras que observavam a cenas gritavam: “cuidado para não caírem daí! Mas, naquele momento o que mais importava para nós era a confecção da arena no parquinho. As crianças riam, expressavam medo, e discutiam que iria buscar o barbante e a tesoura quando esses rolavam barranco abaixo. E com esse trabalho em equipe em algumas horas finalizamos os trabalho.

Tenda esticado foi a hora de aproveitarmos a arena. Os pequenos então decidiram o que iriam apresentar música, teatro dos Três porquinhos,

Figura 14 - Apresentações na Arena “Show de Talentos”



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 15 - Apresentação do Teatro “A Chapeuzinho Vermelho”



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 16 - Brincadeira O Mestre Mandou



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 17 - Arena



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Segundo as autoras Haddad & Horn (2011, p.57).

Desde o hall de entrada, os corredores, a cozinha, o refeitório, os banheiros, as salas de atividades múltiplas, até os pátios e internos e externo possuem potência educadora e o princípio norteador de sua organização é convidar as crianças a estar neles, a conviver, descobrir e criar juntos nestes espaços.

A partir da escolha desta atividade ficou nítido a empolgação e o envolvimento das crianças, primeiro por se tratar de um espaço que elas se apropriaram através da brincadeira, onde nem o Sol forte impossibilitou o desenvolvimento de suas brincadeiras. A Arena é um espaço de destaque porque ela acolhe e promove o protagonismo infantil, além de contribuir para desenvolvimento da autonomia, movimento, descobertas, socialização, respeito com os colegas uma vez que as crianças necessitam se organizar e argumentar sobre que será apresentado neste ambiente.

Segundo o a professora Carmen que está na EMEI desde a inauguração “Existem alguns espaços na instituição que as professoras junto com as crianças foram se apropriando aos poucos”. Para exemplificar ela cita o morro que fica na lateral do parque localizado na entrada da escola. O morro possui uma grama rasteira que auxiliam os alunos na brincadeira de escorregar.

Como as crianças se apropriaram desse espaço pensamos em fazer desse momento de brincadeira uma apropriação efetiva do espaço. Pensamos em conseguir papelões para que cada criança tivesse seu escorrega.

No dia escolhido pela professora entregamos para as crianças os pedaços de papelões. Ao entrar na sala observei os rostos curiosos das crianças, então perguntamos como as crianças gostavam de brincar no parquinho da frente da EMEI. Logo um gritou – “é o parquinho do escorrega!”. A partir daí o dialogo fluiu.

Durante os diálogos entre as crianças foi possível perceber que algumas já diziam que o papel era para ajudar a escorregar. Expliquei então que cada um iria ganhar um pedaço e que era para cada uma personalizar seu papelão, mas que não poderia ser feito naquele dia porque já estava quase na horário do jantar, dessa forma não iríamos conseguir começar. Marcamos então um outro dia para terminarmos a atividade.

Foi interessante porque quando as crianças me encontravam no corredor sempre perguntavam quando iam pintar o papelão para escorregar. Nesses momentos era possível perceber o entusiasmo e ansiedade das crianças em realizar a brincadeira.

A personalização dos papéis demorou um pouco, pois marcamos para a semana seguinte, mas coincidiu com a Semana Nacional da Educação Infantil² e a escola já havia preparado algumas atividades para serem realizadas com as crianças. Assim nossa brincadeira foi adiada mais uma vez. A ansiedade das professoras e das crianças só aumentaram.

Figura 18 - Crianças Descendo no Barranco



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Até que chegou o grande dia, tinta e papelão nas mão, fomos pintar no parquinho da frente ao lado do barranco. Algumas crianças não esperaram nem a pintura foram logo subindo para o barranco para escorregar, outros gritavam e chamavam as crianças para pintar. E alguns jogavam os papéis para o alto para brincar. Ficamos impressionadas como que cada um se organizou. E a professora que estava naquele momento com as crianças já havia passado as instruções na sala de aula. Assim, professora com os poucos que estavam próximo a ela iniciou a pintura, aos poucos os outros perceberam a atitude das professoras aos poucos foi se aproximando por curiosidade ou por que outras crianças chamavam e iniciaram a pintura também.

² A Semana Nacional da Educação Infantil foi constituída pela lei Federal 12.602 de 03 de Abril de 2012 e acontece em homenagem à doutora Zilda Arns, médica e sanitarista brasileira, que foi uma das fundadoras da Pastoral da Criança. O ponto alto da semana é o dia 25 de agosto, Dia nacional da Educação Infantil. E para esse dia todas as escolas do Município de Belo Horizonte preparam uma ação especial com as crianças. Dar uma volta em torno do quarteirão de suas escolas para marcar presença na cidade. Informação retirada do Site da prefeitura de Belo Horizonte. Disponível em < prefeitura.pbh.gov.br> Acesso em 23 de novembro de 2019.

Cada um pintado do seu jeito e logo uma das crianças disse: “tem que colocar o nome pra não trocar o papel!”. Então um aluno subiu até a sala para buscar uma canetinha para escrever os nomes.

Figura 19 - Crianças Pintando o Papelão



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Em cada papelão foi possível observar a expressão artística de cada criança. Alguns desenharam flores, colações, pizzas, coloriram de uma cor, escreveram o nome para deixar claro que cada aluno tinha o seu escorrega. Um ajuda o outro a escrever o nome, na dúvida com a letra, pedia ajuda ao colega. Essa atitude colaboração foi observada ao longo do trabalho. No momento de experimentar o objeto alguns realizavam manobras diferentes e mostravam para os colegas como fazer.

Figura 20 - Primeiras Decidas com o Papelão



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

Figura 21 - Novas Manobras



Foto: Arquivo pessoal – 2019.

A partir das intervenções realizadas no espaço escola da EMEI Planalto, foi possível perceber a interação da criança com o meio e a relação entre criança/criança e criança/adulto. Destacamos que é fundamental para constituição de sujeitos coletivos em nossa sociedade, a experimentação das vivências como estas descritas acima. As interações com os espaços contribuem para ampliar possibilidades de criação e de resolução de problemas a partir de brincadeiras infantis.

Nota-se que passamos a considerar o espaço como sendo um segundo educador, torna-se imprescindível a valorização da singularidade do aluno, em sua constante relação com o ambiente circundante.

Compreender, conhecer e reconhecer o jeito particular das crianças serem e estarem no mundo é o grande desafio da educação infantil e de seus profissionais. Embora os conhecimentos derivados da psicologia, antropologia, sociologia, medicina etc. possam ser de grande valia para desvelar o universo infantil apontando algumas características comuns de ser das crianças, elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças. (BRASIL, 1998, p. 22)

Sendo assim é necessário pensar e “reconhecer a criança como *sujeito* do processo educacional e como principal usuário do ambiente educacional”. (BRASIL, 2006, p. 21). Ressalta-se ainda que é preciso:

[...] ampliar os diferentes olhares sobre o espaço, visando construir o ambiente físico destinado à Educação Infantil, promotor de aventuras, descobertas, criatividade, desafios, aprendizagem e que facilite a interação criança–criança, criança–adulto e deles com o meio ambiente. O espaço lúdico infantil deve ser dinâmico, vivo, “brincável”, explorável, transformável e acessível para todos. (BRASIL, 2006, p. 8).

Podemos dizer que ao se pensar o espaço escolar é essencial que a infraestrutura seja planejada de maneira a privilegiar a movimentação dos/as alunos/as, ampliando a interação entre os educandos, nos quais estes possam criar e recriar esses ambientes, possibilitando a construção da autonomia e o desenvolvimento integral da criança.

7. CONSIDERAÇÕES INDICATIVAS

O presente estudo buscou analisar o uso do espaço escolar por professoras que lecionam para crianças de 5 e 6 anos do último ano do segundo ciclo da educação infantil da EMEI Planalto. Traçou-se como objetivos específicos fazer um mapeamento do uso dos espaços (externos e internos) pelas docentes que atuam nas três turmas do final do ciclo e compreender as potencialidades, limites e estratégias de uso dos espaços na perspectiva docente.

Observou-se que as professoras se organizam para ter aulas externas o máximo de tempo, assim as aprendizagens que ocorrem dentro dos espaços através das atividades orientadas pelas professoras, contribuem para o desenvolvimento de potencialidades como: linguagem, motora, cognitiva, atitudinais e emocionais. Além da construção da autonomia e de construção de regras sociais que só serão aprendidas na interação com os pares.

As análises realizadas no presente trabalho apontam para a compreensão de que a criança que atua em um ambiente construído por ela mesma, vivencia experiências e emoções que a farão expressar sua maneira de pensar, agir e viver.

O Plano de ação desenvolvido foi uma maneira prática de experimentarmos juntos -, crianças, professoras, auxiliares de apoio a inclusão, equipe da empresa INOVA – a confecção de uma tenda, desde a aprovação da intervenção, a costura do tecido, a pintura nos lençóis, a fixação do tecido na grade, encerrando nas apresentações das crianças e na maneira de disfrutar do espaço renovado.

Com este trabalho conclui que é possível a partir de situações concretas e desafiadoras como o sol constante no período da tarde, estruturar um trabalho coletivo imprimindo um novo olhar a nossa realidade tendo a criança como protagonista.

REFERÊNCIAS

BARROS, F. C. O. M. **Cadê o brincar: da Educação Infantil para o Ensino Fundamental**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Básicos de Infraestrutura para Instituições de Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2006.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, com as alterações dadas pela Lei n.12.796, de 4 de abril de 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>> Acesso em: 25 de jan. 2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, Lei n.9.394, de 20 de dezembro de 1996, com alterações dadas pela LEI Nº 11.274, de 6 De fevereiro de 2006. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11274.htm> Acesso em 24 de abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf> Acesso em: 27 de Jan 2019.

DAVI, Claudia; SILVA, Maria Alice Setubal S; ESPOSITO, Yara. **Papel e valor das interações sociais em sala de aula**. Cadernos de Pesquisa, ISSN 0100-1574, ISSN-e 1980-5314, Nº. 71, 1989, págs. 49-54. Disponível e: <<file:///C:/Users/R%C3%BAbia/Downloads/Dialnet-apelEValorDasInteracoesSociaisEmSalaDeAula-6209062.pdf>><http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1168>> Acesso em 20 de outubro de 2019.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização do espaço na Educação Infantil**. In.: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FLICK, Uwe. NETZ, Sandra. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HADDAD, Ienira; HORN, Maria da Graça Souza. **Criança quer mais do que espaço**. Revista Educação Infantil, p. 42-59, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 3. ed. Petrópolis, RJ. Vozes. 1994.

NEVES, V. F. A.; Gouvêa, M. C. S.; Castanheira, M. L. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, v. 37, n. 1, p. 121-140, 2011. <Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v37n1/v37n1a08.pdf>> Acesso em 26/02/2019.

VIGOTSKY, L. S. **A Formação Social Da Mente: O Desenvolvimento dos processos Psicológicos**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.

ZAMBERLAN, Maria Aparecida Trivisan; BASANI, Simone I. Stroka; ARALD, Marizet. **Organização do Espaço e Qualidade de Vida: Pesquisa sobre a configuração espacial em uma instituição de Educação Infantil**. Educare et Educare. Revista de Educação Vol. 2 n 4 jul./dez.2007.